

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

2º SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

LEILIANE NASCIMENTO VASCONCELLOS VALENCA

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

Soberania nacional lidera discussões no Seminário sobre a Amazônia

Por Paulo Fernando Maia

A soberania nacional foi o principal tema discutido no Seminário “Amazônia, presente e futuro: uma visão político-estratégica”, dia 18 de setembro, no Palácio do Itamaraty, centro do Rio de Janeiro. Entre os debatedores estavam os Embaixadores Cardin, Jerônimo Moscardo e Luciano Rosa; os Professores Pedro Ernesto, Meira Mattos, Bertha Becker, Marilene Silva, Geraldo Tadeu e Antônio Peixoto; o Dr. Carlos Bueno e o Coronel Gustavo Abreu.

Durante o evento, promovido pela ADESG, em parceria com a FUNAG/MRE, a ABI e a ESG, foram debatidas também as estratégias de defesa e de exploração sustentável da Floresta Amazônica. Na ocasião, cerca de 100 pessoas lotaram o Salão Nobre do Palácio e fizeram perguntas aos debatedores.

“As eleições estão chegando. Talvez a Amazônia não seja a prioridade de nenhum candidato brasileiro, mas certamente é a prioridade dos candidatos dos outros países. Isso é uma ameaça à nossa soberania. Fico assombrado com esse fato”, afirmou o Embaixador Jerônimo Moscardo, que acredita ser necessário haver também maior interesse da sociedade sobre a questão.

Segundo a Professora Bertha Becker, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), está na hora de o governo mudar a estratégia política como um todo.

“Não basta ter uma excelente política externa. Está mais do que na hora de o Brasil ter uma excelente política interna”, declarou Bertha, revelando que apenas uma pequena faixa em torno da cidade de Manaus apresenta mata virgem, por conta da exploração ilegal da floresta.

Para o Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Dr. Adherbal Augusto Meira Mattos, “o problema da Amazônia não interessa aos políticos porque não dá voto e exige dedicação”.

Já o Cientista Político da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Professor Geraldo Tadeu Monteiro, entende que a opinião pública precisa se mobilizar para discutir as questões da Amazônia.

“O mais importante é termos consciência de que devemos assumir plenamente a responsabilidade com relação à Amazônia. E não é só na questão militar. A questão do desenvolvimento econômico é também muito importante”, opinou o Professor.

Exploração Sustentável

Para a Reitora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Professora Marilene Correa da Silva, os projetos destinados à Amazônia precisam garantir a exploração sustentável da floresta.

“As diversas propostas não atingem mais do que a superficialidade do problema. Os projetos não têm força política suficiente para provocar efeitos e garantir a exploração sustentável da região. Deveria haver um projeto nacional para a Amazônia de mesma grandeza e importância do projeto de criação de Brasília”, disse a Reitora.

O Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), Dr. Carlos Alberto Bueno, acredita que é preciso uma mudança de postura dos próprios brasileiros.

“Como dizer para os outros a importância da castanha, das árvores, da Amazônia, se os próprios brasileiros não sabem a importância disso tudo?”, questionou o Diretor.

Além das armas

Segundo o Representante do Ministério da Defesa, Coronel Gustavo de Souza Abreu, as questões sobre a Amazônia vão além de uma estratégia militar de defesa.

“O problema não pode ficar restrito às Forças Armadas. Uma estratégia nacional de defesa que inclua a participação da sociedade é fundamental para a garantia da soberania nacional e para a preservação da Amazônia”, disse o Coronel.

Para o Professor da UERJ, Antônio Carlos Peixoto, “Alguns não veem o Brasil com olho grande, mas veem a Amazônia com olho enorme”.

TEXTO GERADOR II

Por que a escola é chata?

da Folha de S.Paulo

Os colunistas do Sinapse —Gilson Schwartz, 43, Gilberto Dimenstein, 46, e Rubem Alves, 69— abriram a “Semana Sinapse” com o tema “Por que a escola é chata?”, que tratou de assuntos como a utilidade dos conteúdos ensinados em aula e a dificuldade para adquirir conhecimento.

Dimenstein abriu a palestra e afirmou que o principal problema da escola é o fato de ser desconectada do cotidiano dos alunos, preparando-os não para a vida, mas para provas.

O colunista da seção “Experimental” disse também que “só se retêm informações que deem prazer ou tenham utilidade” e que “a escola está se tornando não apenas chata mas também inútil”. Para ele, isso acontece devido ao fluxo de informações em circulação. O conhecimento se torna obsoleto rapidamente e não é retido pela população.

Isso traz consequências ao mercado de trabalho, segundo o jornalista: “Agora, você é contratado mais pela atitude diante do conhecimento do que pelo conhecimento em si”. Dimenstein sugere que, como cartões de crédito, diplomas tivessem prazo de validade e considera fundamental a educação permanente, que classifica de “quarto grau”. “O ato de aprender é o ato de lidar diariamente com o prazer da descoberta.”

Dimenstein considera possível encontrar salas de aula em diversos ambientes. “Dá para aprender matemática na marcenaria.” Como exemplo, apresentou um vídeo sobre um projeto que realiza oficinas com grafiteiros e dá a eles a chance de apresentarem seus trabalhos ao mesmo tempo que revitalizam áreas degradadas.

Em resposta a Dimenstein — “antítese”, como definiu —, o economista e sociólogo Gilson Schwartz afirmou que discorda da temática do debate de duas formas. De um lado, acha que pressupõe um juízo de valor. De outro, induz a crer que os estudos possam receber o tratamento de uma relação entre consumidor e objeto de desejo. Nesse sentido, considera até melhor que a escola seja chata.

Schwartz, que criticou a ideia de que é função das escolas qualificar para o mercado de trabalho, disse que há dois problemas na educação. O primeiro está ligado às emoções da idade. “É difícil convencer o aluno de ir à escola”, afirmou o colunista da seção “Inteligências”. O segundo é de ordem intelectual. “Produzir conhecimento é difícil. Dói. É 1% inspiração e 99% transpiração”, afirmou. “Ler a 'Divina Comédia é prazeroso, mas não se faz isso tão rapidamente quanto assistir a um filme.”

Schwartz diz que escola não é parque de diversões, e que não há aprendizado espontâneo e indolor. “Para aprender matemática, também é preciso resolver problemas no papel, fora da marcenaria.”

Propondo um debate consigo mesmo, Schwartz disse que, por outro lado, a escola não deve ser necessariamente chata. Para isso, ela deve cuidar para que, em aula, o aluno não seja desvinculado do contexto em que vive e que o colégio se aproxime da comunidade. “Quanto mais relevante for para o estudante, menos chata a escola será”, disse. Mas ele advertiu para o fato de que a resposta de como fazer isso não é trivial.

Ao iniciar sua apresentação, o educador e psicanalista Rubem Alves fez uma ressalva à observação de Schwartz de que a escola não é um parque de diversões: “Há uma diferença entre ser interessante e ser divertido. Quanto mais interessante é a escola, mais disposta a sentir 'dor' a pessoa fica”.

Em uma palestra cheia de citações e metáforas, o educador fez remissão ao sentido bíblico da palavra “conhecer” — ter relação sexual. “Para 'conhecer', é preciso estar excitado.”

Alves acredita que a escola não precisaria ser chata. “A falha é querer ensinar o que a criança não quer aprender”, disse, citando como exemplos dígrafos e orações subordinadas, assuntos que, segundo o educador, não têm nenhuma utilidade para os alunos.

O conhecimento, segundo o colunista da seção “Sabor do Saber”, é como o crescimento físico. “Imagine uma cebola: o corpo está no meio, e o conhecimento vai-se acrescentando. A expansão do corpo excita porque é gostoso dominar o ambiente”, afirmou.

O colunista considera fundamental ao indivíduo conhecer o espaço em que atua. Por isso, segundo ele, é fácil e interessante aprender aquilo com que se relaciona vitalmente.

Rubem Alves também criticou a divisão das atividades em aulas com tempo e assunto predeterminado. “O aluno tem 45 minutos para aprender português, 45 para matemática, 45 para história. Isso não é sofrimento, é burrice.”

ATIVIDADE DE LEITURA

QUESTÃO 1

Atualmente há muitas discussões sobre a escola, sobre seu papel e sobre como torná-la mais interessante para os alunos de hoje. A convite de um jornal de grande circulação, um jornalista, um educador e um sociólogo e economista, que regularmente escrevem no jornal, debateram o tema, conforme vimos.

Entre os três debatedores, Gilson Schwartz é o que apresenta uma posição diferente. Em sua fala, rebate os argumentos de Gilberto Dimenstein, apresentando contra-argumentos.

Com qual contra-argumento o sociólogo rebate a opinião de Dimenstein:

- de que a escola deve preparar melhor o aluno para o mercado de trabalho?
- de que a escola é chata?
- de que se pode aprender matemática fora da sala de aula, como numa marcenaria?

Habilidade trabalhada

Diferenciar os tipos de argumento: tese, argumento de contra-argumento.

Resposta comentada

Os três convidados que participaram do debate são pessoas renomadas no meio jornalístico e cultural brasileiro. Todos eles têm ideias próprias sobre o tema e são capazes de sustentar seu ponto de vista com argumentos consistentes e convincentes. Apesar disso, nenhum deles é o dono da verdade absoluta. Diante de um bom argumento, sempre é possível contra-argumentar, isto é, esvaziar ou fragilizar o argumento de nosso interlocutor, evidenciando os pontos fracos de sua argumentação. Na questão proposta, o contra-argumento utilizado por Schwartz em relação ao item “A” foi a afirmação de que preparar o aluno para o mercado de trabalho não é a função principal da escola. Já em relação ao item “B”, ele afirma que a escola não é parque de diversões, ou seja, que sua função não é divertir o aluno. E, para finalizar, quanto ao item “C”, concorda que seja possível aprender matemática na marcenaria, mas acha que, além disso, também é necessário aprender matemática no papel, fora da marcenaria.

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 2

Observe a seguinte frase do texto: “*a escola está se tornando **não apenas chata mas também inútil***”.

Os operadores argumentativos contribuem para a sustentação de um ponto de vista por parte do autor. Explique qual foi a relação lógico-discursiva estabelecida pelos elementos destacados, no trecho acima.

Habilidade trabalhada

Estabelecer relações lógico-discursivas pela utilização de operadores argumentativos.

Resposta comentada

Conforme foi dito no enunciado, os operadores argumentativos contribuem para a sustentação de um ponto de vista por parte do autor. Ao utilizar os operadores *não apenas... mas também*, Dimenstein soma a ideia de a escola ser chata a ideia de ela ser inútil, portanto a relação lógico-discursiva estabelecida pelos elementos é de adição.

QUESTÃO 3

No quarto parágrafo do debate, o colunista Gilberto Dimenstein defende a educação permanente e afirma que “O ato de aprender é o ato de lidar **diariamente** com o prazer da descoberta”. Qual outro adjunto adverbial poderia substituir, sem prejuízo de sentido, a palavra destacada?

- a) O ato de aprender é o ato de lidar **atualmente** com o prazer da descoberta.
- b) O ato de aprender é o ato de lidar **simultaneamente** com o prazer da descoberta.
- c) O ato de aprender é o ato de lidar **frequentemente** com o prazer da descoberta.
- d) O ato de aprender é o ato de lidar **raramente** com o prazer da descoberta.

Habilidade trabalhada

Empregar adequadamente marcadores discursivos geralmente, muitas vezes etc.

Resposta comentada

O marcador discursivo “*atualmente*” refere-se ao momento, ao agora, ao presente; “*simultaneamente*” equivale a ao mesmo tempo, concomitantemente; “*frequentemente*” menciona fatos que acontecem com frequência, fatos rotineiros e “*raramente*”, em contraponto, refere-se a fatos que não costumam acontecer. Assim sendo, podemos concluir que a resposta correta é a letra **C**, pois diariamente e frequentemente apresentam a mesma carga semântica.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 4

O Pré-Modernismo abordou temas que causaram grande debate na época; o texto de Monteiro Lobato (Urupês) fala da discriminação sobre o sujeito caipira; Ainda hoje, lamentavelmente, convivemos com diversas formas de discriminação: contra o nordestino, o negro, o homossexual, etc..

Reúnam-se em grupos. Cada equipe ficará responsável por um dos tipos de preconceito abaixo:

- preconceito contra o caipira;
- preconceito contra o negro;
- preconceito contra o homossexual;
- preconceito contra os pobres;
- preconceito contra deficientes;
- preconceito contra mulheres.

Pesquisem e façam um quadro comparativo entre as manifestações de cada tipo de preconceito no início do século XX e na atualidade. Apresentem, em forma de seminário para a turma, apresentando os pontos de vista do grupo.

Habilidade trabalhada

Pesquisar sobre autores e obras do período pré-modernista e preparar um seminário para apresentação, utilizando recursos midiáticos e infográficos, citação de fontes e tempo para questionamentos do público.

Comentários

O tema proposto visa a busca por informações que envolvem o contexto Pré-Modernista e ao mesmo tempo possibilita um estudo do comportamento da sociedade atual. O tema será de fácil entendimento, pois aborda questões que fazem parte da nossa realidade.

REGISTRO DE APLICAÇÃO

Bem, devido ao problema enfrentado pela maioria: o tempo, não apliquei o roteiro como gostaria. Utilizei algumas questões como avaliação apenas. Os alunos não apresentaram grandes dificuldades, pois os conteúdos foram trabalhados.